

1257712  
HISTÓRIA

DOS



R. 40219

EMBAIXADORES MANHOSOS

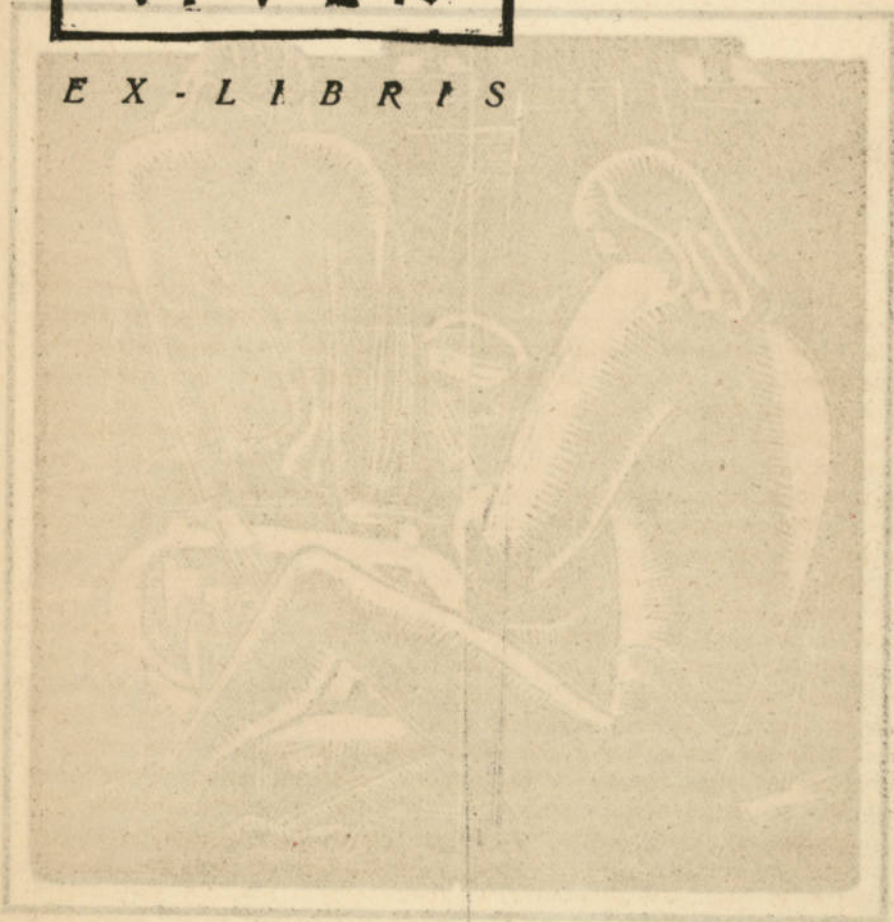


COLECÇÃO PÁTRIA — LIVRO NÚMERO CATORZE

LISBOA ~ EDIÇÕES S. P. N. ~ 1939



*E X - L I B R I S*



COMPOSTO E IMPRESSO NAS GRANDES  
OFICINAS GRÁFICAS "MINERVA", DE  
GASPAR PINTO DE SOUSA & IRMÃO  
VILA NOVA DE FAMALICÃO — 1989

## LIVRO CATORZE

### HISTÓRIA DOS EMBAIXADORES MANHOSOS

Depois da batalha de Aljubarrota em que os portugueses alcançaram tão grande vitória, ainda a guerra durou muito tempo. El-rei de Castela teimava na sua: que a coroa de Portugal pertencia a sua mulher, a princesa portuguesa Dona Beatriz. E assim os espanhóis faziam o que podiam para entrar em Portugal; não faltavam batalhas e correrias na raia, ora aqui, ora ali. Mas agora Portugal tinha um grande rei a governá-lo, e um grande Condestável a defendê-lo; contra Dom João I e contra Dom Nuno Álvares Pereira, bem pouco podiam os grandes exércitos espanhóis que a-pesar-de tão numerosos, ricos e bem armados, nunca levaram a melhor; e ao cabo de cinco anos tiveram que fazer as pazes e tudo ficou em sossêgo.

Antes disso ajustou-se o casamento de el-rei Dom João I com uma princesa inglesa, chamada Dona Felipa, filha do duque de Lencastre; e na mesma ocasião se fez um tratado muito firme de aliança entre Portugal e a Inglaterra. Assinaram os dois reis êste tratado no ano de 1387, e ainda hoje dura. Tratado de aliança mais antigo, não há na Europa. Naquele tempo Portugal era mais forte do que a Inglaterra; e depois, a Inglaterra cresceu e tornou-se muito mais forte; mas esta aliança nunca foi quebrada. Se, no correr dos tempos a Inglaterra, às vezes, abusou da sua fôrça, a culpa foi nossa, porque essas vergonhas só vieram quando perdíamos a fé e nos deixávamos governar por más cabeças.

Se el-rei Dom João I foi feliz na guerra e feliz pela boa gente leal e firme que o acompanhava e o ajudava, mais feliz foi ainda no seu casamento, pois em tôda a Cristandade não havia princesa mais perfeita de corpo, rosto e sobretudo de alma e de coração do que a rainha Dona Felipa de Lencastre. Cheia de juízo e de sabedoria, temente a Deus e corajosa, foi sempre boa e

fiel companheira para o seu marido e a melhor das mãis para os filhos que Deus lhe deu.

Tudo que se passava na nossa terra era acertado; e não havia nação no mundo que não tivesse os olhos em Portugal com respeito e admiração. Porque as cousas iam correndo cada vez melhor; os fidalgos faziam as pazes uns com os outros; e o povo, onde quer que se juntasse, não se fartava de gabar os merecimentos do seu rei. Diziam assim:

— Agora sim, Portugal é o mais nobre e afortunado reino que há no mundo, porque, graças ao bom juízo de el-rei nosso senhor e à valentia e lealdade do bom Condestável, temos tôdas as boas cousas que um reino abastado e forte deve ter. Quer os anos sejam bons ou maus, pão não falta; vinho é a fartar, e tanto que dele podemos carregar muitos navios que o levam a outras terras; peixe chega e sobeja, que dele muito vai para Espanha; carne boa e de tôdas as qualidades, e quanta se queira, que o gado tem muito de comer; frutas e legumes, o mesmo. Os nossos portos e ancorações são seguros, e a êles vêm navios estrangeiros em quantidade a negociar; os nossos navios são rijos e estão aparelhados que é um regalo; e a nossa gente de guerra é valente, bem armada e bem ensinada. Ora com tudo isto, agora que temos a paz, que mais podemos pedir a Deus senão que dê longa vida e saúde a quem tão bem nos governa?

Mas a gente nova da fidalguia não se mostrava tão contente com a paz; aquela rapaziada tinha o sangue nas guelras e o que queria era batalhar e ganhar fama e glória; e havia também os que ganhavam dinheiro com a guerra, e êsses rosnavam por se verem agora sem tais lucros. Porque o mundo é assim: nunca há contentamento igual para todos.

Mas os anos foram passando e a paz agüentou-se, e a terra de Portugal foi-se enriquecendo cada vez mais e melhorando em tudo e de tôdas as maneiras.

Teve el-rei Dom João I, da sua mulher Dona Felipa, cinco filhos varões:

**Dom Duarte**, que, por morte de seu pai veio a governar;

**Dom Pedro**, que veio a ser Duque de Coimbra e regente do reino;

**Dom Henrique**, que veio a ser Duque de Viseu e grão Mestre de Cristo, conhecido no mundo todo pelo nome de *Henrique o Navegador*;

**Dom João**, que veio a ser Condestável do reino;

**Dom Fernando**, que veio a ser grão Mestre de Aviz, chamado o *Infante Santo*.

Vão estes nomes assim em letras maiores, pois quem ler esta história tem que os gravar a todos cinco na memória e no coração, porque todos êles, cada um de sua maneira, honraram tanto a terra de Portugal, que não pode haver bom português que não os respeite e não guarde na sua alma para sempre, os seus nomes gloriosos e benditos. E pelo seguimento desta história se verá a verdade do que aqui fica dito.

Tinha el-rei Dom João um outro filho, bastardo, que nascera muito

antes do seu casamento com Dona Felipa. Era Dom Afonso, conde de Barcelos, que veio depois a ser o primeiro duque de Bragança e casou com a filha única do grande Condestável Dom Nuno Álvares Pereira.

O infante Dom Duarte ia agora nos vinte anos, e os outros, Dom Pedro e Dom Henrique, pouco menos tinham, que a diferença de idade entre estes três infantes não passava de um ano.

Três rapazes perfeitos como três arcanjos. Bem feitos e rijos de corpo, todos de nobres feições e tão estudiosos e sabidos em letras como eram valentes e generosos de coração e desembaraçados no manejo de cavalos e armas. Tão bem criados, obedientes e respeitosos, que nenhum desgosto ou enfado tinham jamais dado a seus pais e não havia, em todo o reino, quer entre grandes, quer entre pequenos, quem não lhes quisesse bem.

Cada um tinha lá o seu feitio. Dom Duarte era muito sisudo, ria pouco, e a-pesar-de seus poucos anos, à fôrça de pensar, pendia às vezes para a melancolia. Dom Pedro tinha génio forte, mas era prudente. Nunca se deixava governar pela paixão. A sua vontade era firme que nem um rochedo.

Dom Henrique parecia um liãozinho novo cheio de impulsos e de entusiasmos, atirando-se aos perigos, ardendo sempre em desejos de abraçar a terra inteira com as mãos ambas.

El-rei revia-se todo nêles; estalava-lhe o coração de alegria e de orgulho ao vê-los tão perfeitos. Um dia começou a cismar que chegara o tempo de os armar cavaleiros e, depois de muito considerar, falando com fidalgos da sua côrte, disse assim:

— Ando com esta vontade de armar meus filhos cavaleiros. Quero ordenar umas festas que durem um ano inteiro; e mandarei convidar para elas todos os príncipes, fidalgos e cavaleiros da Cristandade que tiverem boa disposição para tal. Haverá justas, torneios, danças e outros jogos e divertimentos; e de comer e de beber para todos, do melhor que houver neste reino e fora dele; e darei aos meus convidados tais presentes que nunca mais êsses príncipes e fidalgos estrangeiros deixarão de apregoar por todo o mundo os benefícios que aqui receberem. E no fim de tôdas estas festas, armarei meus filhos cavaleiros.

Quando tal notícia se espalhou, todos ficaram muito contentes pensando nas lindas festas nas quais cada um, quer da nobreza, quer do povo, teria seu grande divertimento.

Mas os três infantes não mostraram alegria nenhuma; calados e sombrios, mais parecia terem recebido uma triste notícia. E um dia, encontrando-se os três nos aposentos do seu pai, e com êles seu irmão mais vêlho, o bastardo Dom Afonso, Conde de Barcelos, êste chamou-os à parte e disse-lhes assim:

— Muito gostaria eu de saber a razão da vossa tristeza, quando vejo tôda a gente por êsse país fora tão contente na esperança das festas.

E Dom Pedro, falando por si e pelos irmãos, respondeu:

— E' que nenhum de nós está satisfeito com a idea de ser armado cavaleiro no correr de festas reais, sem nunca termos feito cousa de merecimento. A honra de entrar na ordem da cavalaria tem de ser ganha nos campos de batalha, à fôrça de coragem e com risco de vida, e não ao cabo de um ano de festas. Andamos tristes porque entendemos que o sangue real, do melhor, que nos corre nas veias e o nome e fama que herdámos de nossos avós, nos obrigam a ganhar as esporas de oiro da cavalaria, não ao fim de festas por mais maravilhosas que sejam, mas sim depois de termos mostrado o que valemos em combates por amor do nosso Deus, do nosso rei, e da nossa terra.

O conde de Barcelos ficou-se a olhar para os irmãos, pasmado. Custava-lhe a crer que palavras de tanto juízo e de tanta fôrça saíssem de corações tão novos ainda. Ali estavam os três defronte dele, com os olhos brilhantes, impacientes e nervosos como cavalos de raça ao ouvirem o ruído das batalhas.

— Que hei-de dizer? Que hei-de dizer? — respondeu êle. — Não posso deixar de vos dar razão.

Ora o conde de Barcelos era muito mais vèlho do que os irmãos. Ainda que não fôsse tão puro de coração como êles e que a ambição lhe turvasse já a alma, era homem de muito juízo e sabedoria. Tinha ido em viagens fora do reino a várias côrtes de reis e príncipes estrangeiros e visitara a Terra Santa; e de tôdas estas viagens e estudos, trouxera muitos conhecimentos que o tornavam de bom conselho. E os três infantes, ao verem que êle os aprovava, sentiram grande ânimo e esperança nascer-lhe nos corações e determinaram ir falar com el-rei seu pai.

Estando os quatro nestas conversas, chegou-se a êles o governador da fazenda de el-rei, chamado João Afonso, homem de bom juízo e claro entendimento, que tôda a gente respeitava pelo grande coração e boa cabeça que Deus lhe dera.

Vendo João Afonso que os infantes falavam com grande ardor entre si, quis saber do que se tratava. E os infantes contaram-lhe a sua idea, porque eram muito amigos dele e tinham em grande conta a sua opinião.

João Afonso ouviu tudo com atenção e ficou-se a cismar, cofiando as barbas. E por fim disse:

— Estou convosco em vossos pensamentos que me parecem de grande acêrto. Quanto à emprêsa que vosso pai, el-rei meu senhor, deveria tentar para ensaiar vossos merecimentos e vos dar a vez a ganhardes com honra as esporas de cavaleiros, parece-me a mim que a vejo bem clara. Firmadas e assentes as pazes com Castela, nenhum inimigo nos ameaça; e seria bom tempo de servir Deus indo à caça de infiéis. A cidade de Ceuta, situada em terras de África, defronte de Gibraltar, é grande, rica, forte... e azada de tomar. Rodeada de mar por todos os lados só está ligada à terra por uma banda, e essa mesma, estreita. E' rica porque ali vêm ter as caravanas que trazem do Oriente mercadorias preciosas que os navios de Génova e de Veneza lá vão

buscar por conta dos seus mercadores. E os moiros de Ceuta fazem muito mal aos cristãos, atacando os navios que ali passam; roubando-os e tomando os cristãos como cativos que só largam à força de pesados resgates de dinheiro. E tudo isto eu sei por um servidor meu que lá mandei uma vez a tratar do resgate de cristãos...

O infante Dom Henrique não se teve que o não interrompesse:

— Porque não dizeis tudo isso a el-rei?

— Já lho disse, — respondeu João Afonso, — mas el-rei levou a conversa de brincadeira e não quis responder-me a sério. Ide vós agora falar-lhe. Pode ser que vos dê mais atenção do que a mim.

Seguindo êste conselho, foram os três infantes, mais o conde de Barcelos, ter com el-rei e lá lhe disseram suas razões; mas iam tão fora de si e tão cheios de ardor que não chegaram a explicar-se bem; e el-rei largou-se a rir e levou tudo de brincadeira como levava a conversa com João Afonso.

Os infantes retiraram-se descontentes com o resultado do seu recado, mas não perderam ânimo. Durante uns poucos de dias conversaram do assunto e estudaram a melhor maneira de o apresentar a el-rei. E afinal voltaram junto do pai e tornaram a pedir-lhe que os atendesse e que não os afrontasse armando-os cavaleiros sem êles o terem merecido; que isso não convinha a príncipes da sua raça.

Vendo a seriedade dos filhos e a nobreza do seu pensar — que mais parecia de homens feitos que de rapazes tão novos — el-rei acabou por lhes prometer que ia considerar a sua proposta e falar com o seu confessor e outros letrados, afim de saber se a conquista de Ceuta seria cousa que conviesse ao serviço de Deus; pois, como bom cristão que era, não queria guerrear por amor da guerra, mas só para defesa do reino que o Céu lhe confiara ou para serviço de Deus.

Desta vez retiraram-se os infantes mais satisfeitos porque viam que a sua idea começava a germinar no espírito de el-rei como um grão de trigo em boa terra.

Os letrados estudaram a pergunta que el-rei lhes apresentara, e ao cabo de um mês, deram a sua resposta; que sim, que a conquista de Ceuta aos infiéis, era guerra santa e bom serviço feito a Deus.

Ficou-se el-rei a pensar nesta resposta durante alguns dias e, por fim, mandou chamar os três infantes e falou-lhes dêste modo:

— Pensais talvez que a minha demora em vos responder tem sido causada por esquecimento. Não é assim, pois tenho considerado a vossa proposta com tôda a atenção e já ouvi sôbre ela o meu confessor e outros letrados que me tiraram da dúvida em que estava e me disseram que a conquista de Ceuta seria cousa do agrado de Deus. Por êsse lado estão meus cuidados acabados; mas muitas outras razões, no meu pensar, se levantam contra tal empresa:

— A primeira é que ela requer muita despesa e eu não tenho dinheiro, nem onde ir buscá-lo, em quantidade suficiente;

— A segunda é que a cidade de Ceuta fica longe e será necessário muita

gente de guerra e não há bastante no nosso reino, nem sei, fora dele, onde a hei-de procurar;

— A terceira é que será preciso uma grande frota de navios grandes e pequenos e a nossa armada não é bastante numerosa nem forte para tal guerra;

— A quarta é que, vendo a gente de Castela que deixamos o reino sem defesa para irmos guerrear longe, talvez se tente, a-pesar-das pazes, a vir atacar as nossas fronteiras;

— A quinta é que ainda que Deus nos dê a vitória, como havemos de conservar tal conquista com a pouca gente que temos? E não devemos esquecer que os mouros são tão numerosos como os grãos de areia numa praia, e que, ofendidos por lhes atacarmos a sua cidade de Ceuta, não deixarão de se juntar para a reaver, e até se vingarão de-certo atacando por seu turno as nossas cidades do Algarve.

Estas razões e outras muitas apresentou el-rei Dom João a seus filhos que o ouviram com muito respeito e, retirando-se, falaram entre si e estudaram a maneira de responder a seu pai e de defender o seu propósito.

Ao cabo de alguns dias, voltaram à presença de el-rei e Dom Duarte que era muito bem falante, tomou a palavra em nome de todos:

— Senhor, quanto à vossa primeira dúvida de não haver dinheiro para tamanha despesa, elle se poderá alcançar diminuindo os gastos da vossa casa e das vossas e de muitos senhores do reino; e ainda por trocas e ajustes com mercadores. Tanto ou mais dinheiro pensastes vós em gastar com as grandes festas da duração de um ano que haviés de fazer para nos armardes cavaleiros. Quanto a navios podeis mandá-los fretar por tôda a costa da Galiza e de Biscaia e à Alemanha e à Inglaterra; e entretanto se podem construir no reino novas embarcações e concertar-se as que não estejam em bom estado. Quanto ao perigo de Castela, ainda que muita gente de guerra nos acompanhe, muito boa gente ficará ainda em Portugal para defender as fronteiras; e os de Castela que andam pensando em conquistar o reino de Aragão, não quererão agora meter-se noutra guerra connosco, mormente depois dos grandes juramentos feitos por ocasião das pazes. Quanto à maneira de conservar a cidade de Ceuta depois de conquistada, não vos dê cuidado tal cousa, pois bem sabeis, senhor, que os portugueses são como bons cães de fila que onde filam, só largam por vontade.

Neste ponto, o infante Dom Henrique todo afogueado, não se teve que não interrompesse o irmão:

— Senhor, — disse elle a el-rei, — lembrai-vos que tôda a terra de Portugal foi conquistada por nossos avós aos mouros palmo a palmo; um punhado de portugueses contra infiéis que pareciam nascer do chão. E, até hoje, o que filámos, soubemos conservar. Dinheiro, senhor, não o tínheis quando começastes vossas guerras contra Castela. E nunca vos faltou! Em Aljubarrota eram dez mil portugueses contra trinta mil espanhóis, e a vitória foi vossa! Nunca Deus vos desamparou. Tôdas as vossas dúvidas desaparecem desde que



Deus esteja connosco e a nossa fé com Ele. Assim Nossa Senhora me ampare sempre como eu sei no fundo do meu coração que Ceuta será um princípio e que a vossa bandeira real irá muito mais longe ainda...

Dom Pedro voltou-se devagar para o irmão e pôs-lhe a mão no ombro para o sossegar. E Dom Henrique caíu em si e calou-se de repente. Tinha os olhos rasos de lágrimas.

Sentado na sua cadeira, el-rei escutava os infantes. Olhava para aquêles três belos rapazes com orgulho e desvanecimento e, no segrêdo do seu coração, dava graças a Deus por se ver assim favorecido com três filhos cujo pensar era melhor e mais firme que o de muitos homens de barbas grisalhas. Mas não mostrou o seu sentir, porque nunca o mostrava; e, sem mais resposta, despediu os infantes dizendo que, por enquanto, não queria ouvir falar mais na conquista de Ceuta.

Passaram-se ainda muitos dias depois desta conversa; e por fim el-rei mandou chamar o infante Dom Henrique e disse-lhe que estava resolvido a emprender a conquista de Ceuta e que, por êle ser o mais novo, o encarregava de ir dar a notícia aos irmãos. Dom Henrique ajoelhou e beijou as mãos de el-rei, mas a sua alegria era tamanha que não o deixou falar.

Os infantes não cabiam em si de contentes. Agora sim, agora teriam ocasião de ganhar com honra as suas esporas de ouro de cavaleiros, assim Deus os ajudasse! Foram logo ter com el-rei para lhe agradecer; e el-rêi fê-los sentar junto de si e disse-lhes:

— A primeira cousa que é precisa para esta empresa ter bom fim, é um grande segrêdo. Se os moiros de Ceuta desconfiarem ou tiverem conhecimento das nossas tenções, tratarão logo da defesa da cidade e chamarão os moiros de outros lugares, e então a nossa vitória será muito difícil. Devemos chegar junto de Ceuta com a nossa grande armada, de surpresa; esta é a principal condição. Antes de mais nada quero eu saber qual é o assentamento da cidade e quais são as suas defesas; e a fortaleza e altura das suas muralhas e tórres, para concertarmos que artilharia devemos levar e que pontos devemos atacar. E também quais são as ancorações; e ventos e correntes do mar; e quais as praias onde os nossos navios podem acostar, e outras cousas necessárias.

Depois de falar assim com os infantes e de combinar com êles um grande segrêdo sôbre as suas tenções, resolveu el-rei antes de mais nada mandar a Ceuta, disfarçadamente, dois homens muito afamados pelo seu juízo e esperteza e nos quais confiava como em si mesmo. Era um deles o Prior do Hospital, e o outro um bom capitão chamado Afonso Furtado. O Prior ia encarregado de estudar a cidade, e Afonso Furtado o mar em volta dela. Mas era preciso que tudo isto se fizesse sem criar desconfiança entre os moiros de Ceuta.

Ora acontecia que, por aquêle tempo, a rainha da Sicília tinha mandado embaixadores a el-rei Dom João I para lhe propor o casamento da sua pessoa com o infante Dom Duarte, herdeiro da coroa portuguesa.

El-rei Dom João não queria tal casamento nem para Dom Duarte, nem

para nenhum dos seus outros filhos, mas desejava responder com tôda a cortesia e de maneira que a rainha da Sicília se não ofendesse. Entendeu pois que a ocasião era boa de matar dois coelhos de uma cajadada, isto é, de mandar a sua resposta à rainha da Sicília e, na mesma volta, alcançar as notícias que queria da cidade de Ceuta.

Mandou preparar uma linda galera, muito bem aparelhada e com todo o luxo e riqueza que uma embaixada real requeria, e mandou chamar o Prior do Hospital e Afonso Furtado à sua presença.

Depois de lhes explicar muito bem a sua embaixada à rainha da Sicília, disse-lhes assim:

— A embaixada é verdadeira e convém que ela seja feita com habilidade; mas o fim mais sério da vossa expedição é outro.

E explicou-lhes, em grande segrêdo, as suas tenções a respeito de Ceuta, e como deviam ancorar defronte daquela cidade, como quem vai de passagem e precisa descansar e tomar água e mantimentos, e ao mesmo tempo acharem maneira de estudar e observar muito bem tudo que era preciso sem criar desconfianças.

Tanto o Prior do Hospital como Afonso Furtado ficaram contentes. Gostavam ambos de aventuras, não tinham mêdo de nada e não faltavam invenções tanto na cabeça de um como de outro.

Partiram os dois de Lisboa na sua galera muito bem e ricamente enfeitada, com a equipagem tôda galharda, vestida de ricas librés vistosas, e o barco embandeirado e coberto da pôpa à proa com panos ricos das côres da casa real, cousa muito linda e nunca vista até àquele tempo.

Quando chegaram a Ceuta, mandaram ancorar defronte da cidade, o mais perto que puderam, como gente que vinha de passagem e ali desejava descansar. Logo se espalhou a notícia que eram grandes embaixadores que o rei de Portugal mandava à rainha da Sicília; e juntou-se muita gente na praia a ver a linda embarcação, sem nenhuma desconfiança.

Com todo o seu vagar, o Prior do Hospital foi tomando nota de tudo: do assentamento da cidade, da altura das muralhas e tôrres, dos sítios onde viu sentinelas, e tudo por miudos e com todo o cuidado. E Afonso Furtado ia mirando e remirando o mar e as praias; assim que foi noite escura, meteu-se num barquito de bordo e rondou a cidade tôda, pela calada, a estudar os ancoradouros, as funduras do mar e as praias.

No dia seguinte, sem mais embaraços e sabendo já o que queriam saber, seguiram sua viagem.

Chegados ao reino da Sicília, apresentaram sua embaixada à rainha que os recebeu com tôdas as honras.

El-rei Dom João mandava dizer à rainha que muito estimaria o casamento de seu filho mais vêlho com ela; mas que infelizmente não podia ser, porque o casamento de Dom Duarte já estava ajustado com outra princesa. No entanto el-rei propunha seu segundo filho, Dom Pedro. Mas a rainha não ficou

contente com esta resposta; era soberba e queria casar com o príncipe herdeiro da coroa, mas não lhe convinha casar com o infante Dom Pedro que era filho segundo. Respondeu porém com tôda a cortesia que naquele momento não podia decidir tal assunto porque trazia outros cuidados relativos ao govêrno do seu reino; e despediu os embaixadores com muitos recados e cumprimentos para el-rei de Portugal e para a rainha Dona Felipa.

Os embaixadores, sabendo muito bem que aquela embaixada não era o verdadeiro fim da sua viagem, e sabendo também que el-rei propusera o infante Dom Pedro muito certo da recusa da rainha da Sicília, não se ralaram com a resposta e foram-se embora todos contentes.

A viagem até Lisboa foi um regalo; tiveram grande mansidão de mar e bom vento.

O Tejo, defronte da cidade, estava cheio de naus e de navios mais pequenos, estrangeiros, que tinham vindo de longe trazer mercadorias das suas terras e iam depois ao Algarve carregar figo. Como era domingo, os trabalhos do pôrto estavam parados e tôda aquela marinhagem estrangeira se misturou com o povo da cidade para ir às muralhas e à praia ver chegar a galera que vinha tôda embandeirada e toldada, e a equipagem com suas librés de gala, e duas grandes trombetas atroando os ares com seus alegres sons. E não havia ali ninguém, quer entre o povo, quer entre os fidalgos ou os estrangeiros, que desconfiasse de que a embaixada real que assim voltava da Sicília, trouxesse qualquer outro propósito escondido.

Logo que foram em terra, os embaixadores montaram a cavalo e abalaram para Sintra onde então el-rei estava; e ali, defronte da côrte, lhe deram conta da embaixada a Sicília e do que a rainha lhes respondera. E a respeito de Ceuta, nem palavra.

Só mais tarde, quando os senhores da côrte se espalharam por outras bandas do palácio, é que el-rei mandou recado ao Prior do Hospital e a Afonso Furtado, que fôsem ter secretamente aos seus aposentos por uma porta do jardim; e do mesmo modo mandou avisar os infantes que fôsem disfarçadamente lá ter com êle.

Estando assim todos reunidos, el-rei perguntou a Afonso Furtado que recado lhe trazia a respeito das ancorações, praias e correntes do mar em volta de Ceuta; e o capitão respondeu:

— Senhor, eu não trago outro recado senão que tendes muito boas praias e ancorações e que podeis ir em boa hora, que a cidade cairá sem demora em vosso poder.

— Assim o queira Deus, — disse el-rei — mas o que desejo agora é que me contes por miudos tudo que viste e observaste.

Mas Afonso Furtado abanava a cabeça e só respondia que el-rei podia partir quando quisesse, pois tudo era azado para a tomada da cidade aos moiros. E por fim, muito apertado por el-rei e pelos infantes, acabou por contar esta história:

— Sabei, senhor, que reinando ainda el-rei Dom Pedro, vosso pai que Deus tenha, mandou êle uma vez meu pai numa embaixada a longes terras. A-pesar-de eu ser ainda nesse tempo muito môço, levou-me meu pai na sua companhia para eu ver terras e aprender cousas novas. Seguindo nós nossa viagem, ancorámos em Ceuta e, enquanto meu pai e a sua gente tratavam do que era preciso, eu andei por ali, perto da cidade, observando cousas que nunca tinha visto. Cheguei-me a uma fonte com seu chafariz e ali me deixei ficar a ver a formosura dos cavalos que vinham a beber. Aproximou-se de mim um moiro vêlho de grandes barbas brancas e, depois de me olhar com muita atenção, perguntou de que terra eu era. Respondi-lhe que vinha de Portugal onde nascera. — «E qual é o rei que agora reina na tua terra?» — «E' um grande rei e um bom rei que se chama Dom Pedro.» — «E quantos filhos tem êsse rei?» — Respondi que tinha três: Dom Fernando, Dom João e Dom Deniz. Mas o vêlho não ficou satisfeito e pediu-me que considerasse bem se o meu rei não teria ainda outro filho. Foi então que me lembrei de Vossa Alteza que nesse tempo ainda era muito pequenino e, como sendo bastardo, não andava na côrte, tinha-me passado do pensamento. Quando o moiro ouviu esta minha resposta, soltou um grande suspiro e, baixando a cabeça, largou-se a chorar. E eu, pasmado, olhava para êle e via as lágrimas que lhe escorriam ao longo das barbas, e cismava qual seria a causa daquele grande desgôsto. Por fim o moiro disse assim: — «Amigo, o meu chôro não é causado por cousas do presente, mas sim pelas cousas que estão para vir. Dom Fernando, primeiro filho de teu rei Dom Pedro, reinará por morte de seu pai e casará com uma ruim mulher que muitos males trará à tua terra. E quando Dom Fernando morrer, nenhum dos seus irmãos legítimos reinará, mas sim o bastardo que te esqueceste de nomear. E êste será um grande rei; será como uma faisca de onde se levantará grande fogueira. Dias virão em que êle vingará a honra de seu irmão, e de tôdas as batalhas será sempre vencedor; E virá êle a ser o primeiro rei das Espanhas que terá posse em África e começará a destruição do grande poder dos moiros da banda de cá do mar. E ainda êle ou os da sua geração virão a êste chafariz que será seu, dar de beber aos seus cavalos.»

Calou-se Afonso Furtado, e durante algum tempo ninguém falou. Tanto el-rei como os infantes cismavam naquelas palavras do vêlho moiro que, havia tantos anos assim dissera, ponto por ponto, tantas cousas que depois tinham sucedido.

Foi el-rei o primeiro que saíu daquele cismar. Como homem forte que era, não gostava de mostrar o que o coração sentia. Voltou-se para o Prior do Hospital e pediu-lhe que lhe desse conta do seu recado a Ceuta.

O Prior respondeu, muito seguro de si:

— Senhor, de tudo que vi e observei vos darei conta; mas primeiro mande-me Vossa Alteza aqui trazer dois saquitéis de areia, uma peça de fita, meio alqueire de favas, e uma tigela com água.

El-rei pasmou para o Prior, como se êle tivesse perdido o juízo. E de

repente largou-se a rir com vontade e do mesmo modo os infantes, cuidando todos que o Prior gracejava. E el-rei, por fim, disse:

— Não me bastava Afonso Furtado com suas histórias de profecia! Agora vem o Prior a pedir cousas disparatadas como se quisesse fazer algum feitiço!

Mas o Prior respondeu muito sério:

— Senhor, eu não tenho costume de gracejar com Vossa Alteza que tanto estimo e respeito. Digo e torno a dizer o mesmo: que antes de Vossa Alteza me dar o que pedi, não posso eu dar-lhe conta do meu recado.

El-rei bem via agora que o Prior não falava de brincadeira. Encolheu os ombros e disse para os infantes:

— Má sorte a minha! que mandei dois homens de juízo tratar de cousa séria, e me voltaram ambos a falar como crianças!

Isto dizia el-rei, não porque o pensasse, mas só a ver se, assim, os faria falar; mas os dois ficaram graves e calados. Então os infantes que tinham grande estima e amizade àqueles dois fiéis companheiros e servidores de seu pai, pediram a el-rei que fizesse a vontade ao Prior, e logo veriam a sua tenção.

El-rei chamou um pagem e deu-lhe ordem de levar para o quarto ao lado da sala onde estavam, tôdas as cousas que o Prior pedira. Este fechou-se no quarto, com a areia, a fita, as favas e a tigela de água e lá se deixou ficar sôzinho bastante tempo. Por fim abriu a porta e chamou el-rei mais os infantes; e atrás deles entrou Afonso Furtado.

O Prior tinha amassado a areia com água e, no chão, fizera um grande relêvo figurando o promontório onde assenta a cidade de Ceuta, e as praias em volta, e Aljezira e a serra da Cimeira para o interior. E com as favas figurara o casario. E com a fita figurara a cercadura das muralhas. E mostrando aquela sua obra a el-rei, o Prior do Hospital ia explicando tudo com muita clareza: a largura e altura das muralhas com suas tôrres, e onde eram mais fracas, e onde vira sentinelas, e onde ficava o castelo como todo o seu assentamento, e quais eram os lugares por onde se poderia melhor atacar a cidade. E Afonso Furtado chegou-se então e foi mostrando as praias e explicando os ancoradouros e as funduras do mar e os lugares onde as naus poderiam chegar-se mais à terra.

El-rei não se fartava de admirar aquela obra tão perfeita e de escutar os dois fidalgos que tão bem lhe explicavam tudo que êle queria saber. E os infantes não tiravam os olhos do relêvo e não se cansavam de fazer perguntas, todos três tão animados e contentes como se já estivessem deveras defronte da cidade de Ceuta.

E então o Prior disse a el-rei:

— Agora quero pedir perdão a Vossa Alteza de não ter logo respondido como devia às suas perguntas. Mas eu sabia que só por palavras nunca poderia dar a Vossa Alteza conta perfeita do meu recado. E assim sabe Vossa Alteza agora tanto como se lá tivesse estado conosco.

El-rei abraçou os dois com muita amizade e agradeceu-lhes muito os seus

bons serviços. E depois deu-lhes grandes e ricos presentes e fêz-lhes muitos benefícios em recompensa do bom trabalho que tinham feito com tanta habilidade e perfeição.

Quando iam a sair do quarto, Afonso Furtado desmanchou com o pé todo o relêvo de tal maneira que ninguém pudesse ver o que ali se fizera. E el-rei disse:

— Tens razão. Que só à fôrça de um grande segrêdo levaremos a bem a nossa emprêsa.

Logo nessa semana começou el-rei a dar as suas ordens e a fazer seus planos para a conquista da cidade de Ceuta aos moiros de África.

## A SEGUIR:

### HISTÓRIA DA GRANDE RAINHA DONA FELIPA DE LENCASTRE E DOS PREPARATIVOS DE GUERRA

CRISTAL

S. P. N.

*Virgínia de Castro e Almeida escreveu:  
o S. P. N. mandou dar à estampa.*

**S. P. N.**